

Brasil / Hungria - Um Laço Cultural

Entrevista a **LÉLIA PARREIRA DUARTE**

Especializado no Renascimento Italiano, com tese de doutoramento intitulada "Sátira e sociedade na Itália Medieval e Renascentista", Zoltán Rózsa criou e dirige o Departamento Português da Universidade Elte, de Budapeste.

Organizou um primeiro ciclo de estudos sobre o Brasil, realizado de 15 de setembro a 22 de dezembro de 1981, e pretende publicar uma antologia da poesia brasileira, traduzida por ele e seus alunos.

Apesar de ter vivido algum tempo em Portugal, o português de Zoltán Rózsa é bem "brasileiro". Assim ele explica o fato:

— Meu contato com o português iniciou-se depois que minha irmã se casou com um brasileiro e foi viver no Brasil, de onde passou a enviar-me livros, jornais e revistas. Na universidade dediquei-me anteriormente ao ensino do italiano. Daí a facilidade para entender o português, língua que me fascinou e que passei a estudar através de fitas gravadas, enviadas por minha irmã. Consegui depois bolsas de estudo em Portugal, mas minha pronúncia já era bem "brasileira". Tenho, aliás, alguma dificuldade para entender o que se fala em Portugal, e compreendo perfeitamente o que você fala. Conseqüência do treinamento com fitas brasileiras, certamente...

LPD — Você conseguiu criar a cadeira de português na universidade Elte. Como foi isso?

ZR — O resultado do meu interesse pela nova língua foi a criação do curso universitário de Filologia Portuguesa, em 1977, inicialmente ligado ao Instituto Italiano. Em fevereiro de 1979 o curso adquiriu autonomia administrativa, passando a existir o Departamento Português, que se tornará Cadeira a partir das primeiras 14 licenciaturas, no final do ano letivo de 81/82. O Departamento conta atualmente com 60 alunos.

LPD — Qual o espaço reservado para a cultura brasileira no curso?

ZR — Somente no quinto e último ano, a iniciar-se em setembro próximo, os alunos estudarão sistematicamente a cultura brasileira: história, literatura (Jorge Amado e Graciliano Ramos), música (Chico Buarque), folclore (temos uma professora especializada), cinema e telenovela, áreas em que sou especialmente interessado. Publiquei recentemente (junho de 81), na revista *Film-Világ* (*Mundo do Cinema*), uma análise do filme *Chica da Silva*, em que falo sobre a rebelião que fez nascer a liberdade no Brasil.

Falamos sobre a telenovela brasileira, a influência que tem exercido sobre o comportamento do povo português, fato que tem suscitado polêmicas entre sociólogos, lingüistas, psicólogos, professores, etc. Zoltán Rózsa pensa que a tendência do intelectual é sempre discutir o valor estético do assunto analisado. “Parece-me importante, porém, analisar o fenômeno em si: observar que o povo português gosta da telenovela brasileira e verificar os motivos para isso. É esse, aliás, um dos temas de trabalho que preparo para setembro, no ciclo de estudos sobre o Brasil”.

Voltando ao curso de português, Zoltán conta que, por iniciativa do Departamento, no final de outubro de cada ano haverá uma série de sessões científicas, dedicadas alternadamente a temas portugueses e brasileiros. “Em 1980 aqui estive o professor Dr. Jacinto do Prado Coelho — era o ano de Camões. Em 1981 as sessões tiveram como tema o Brasil e foi o primeiro acontecimento na vida húngara inteiramente dedicado à cultura brasileira. Estiveram presentes George Rudolf Lind, que falou sobre Literatura de cordel e Maria Lúcia Lepecki, com Aspectos da cultura brasileira. Eu tratei do cinema brasileiro, e tivemos a apresentação de seis

filmes, escolhidos entre Orfeu Negro, Tenda dos Milagres, Chica da Silva, Bye, bye Brasil, Idade da Terra, Gaigin, Anos de J. K. e Lição de Amor. Vi todos esses em Lisboa, onde houve recentemente um festival de cinema brasileiro”.

LPD — Na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais temos um Centro de Estudos Portugueses que tem promovido atividades semelhantes a essas que você tem organizado. Lutamos, entretanto, com uma série de dificuldades que, certamente, você tem também. Quais seriam as principais, especialmente no que se refere à cultura brasileira?

ZR — O embaixador do Brasil na Hungria, Dr. Assis Grieco, tem dado grande apoio ao nosso trabalho: doou ao Departamento cinqüenta obras de literatura brasileira, e tem-nos enviado jornais, discos e revistas. Isso não é suficiente, porém, e a principal dificuldade em nosso estudo da cultura brasileira é resultante da inexistência de tratados culturais entre Brasil e Hungria. Necessitaríamos, por exemplo, de um leitor brasileiro e de uma bibliografia muito mais extensa.

Seria ideal se pudéssemos ter bolsas de estudo no Brasil. Tudo isso, porém, é difícil, nas atuais circunstâncias. Temos tido muito mais possibilidades de desenvolver o estudo da cultura portuguesa, a partir de abril de 1974, quando a comunicação entre o povo húngaro e o português foi estabelecida. Eu e todos os meus alunos já fomos bolsistas em Portugal, que é, além de tudo, país relativamente vizinho...

LPD — A Antologia de Poetas Húngaros, a ser lançada pela Moraes, poderia ser vista como resultado do intercâmbio existente entre Portugal e Hungria?

ZR — Certamente. Como disse no prefácio da Antologia, quando cheguei a Lisboa em fins de 1977, meu objetivo era exclusivamente fazer estudos sobre a cultura portuguesa de hoje. Não conhecia pessoalmente nenhum escritor ou poeta português e não poderia ter a intenção de organizar uma antologia de poetas de meu país... Entretanto, nós, os intelectuais húngaros, costuma-

mos viajar com os livros dos nossos poetas, como forma de vencer a nostalgia da pátria. Vieram comigo livros de Sándor Petöfi, Endre Ady, Attila József e Miklós Radnóti. O resto aconteceu por si...

O que aconteceu por si foi que Zoltán Rózsa conheceu Maria Lúcia Lepecki, Jacinto Batista e os futuros tradutores da antologia: Tereza Balté, Fiama Hasse Pais Brandão, Yvette K. Centeno, José Gomes Ferreira, Egito Gonçalves, Pedro Tamen, António Torrado, Vasco Graça Moura, Nelson D. Archer (brasileiro), José Blanc de Portugal. O entusiasmo foi contagiante e a antologia está no prelo de Moraes Editores, que assim abre a série "Círculo de Poesia" ao primeiro livro estrangeiro.

LPD — Falando ainda de traduções: o Departamento Português da Universidade Elte tem a preocupação de formar tradutores?

ZR — Sim. A tradução de obras de língua estrangeira é um imperativo para que se tornem conhecidas na Hungria. Você sabe, por exemplo, que o povo húngaro tem tradicionalmente uma profunda cultura musical, o que não nos impede de importar música estrangeira. O nosso Teatro Nacional tem condições de representar, em seguida, uma série de óperas italianas. Todas, entretanto, cantadas na língua hungara. Assim, todo o povo pode apreciá-las integralmente. Não queremos ser apenas alguns privilegiados a conhecer a literatura de língua portuguesa, motivo pelo qual a formação de tradutores é um dos nossos objetivos.

As traduções atualmente existentes do português foram iniciativas isoladas, muitas vezes feitas a partir do francês e não diretamente do português. Mas alguns dos que vão formar-se agora estão prontos para assumir esse trabalho, especificamente com a literatura brasileira. Temos ótimos alunos, filhos de diplomatas que estiveram no Brasil e falam muito bem o "brasileiro". É com essa equipe que está a crescer sempre mais que pretendo preparar uma antologia da poesia brasileira, assim que tiver material suficiente.

Existe na Hungria uma revista mensal, intitulada **O Grande Mundo**, cuja edição de janeiro de 1980 publicou poemas de autores portugueses (José Gomes Ferreira e outros), em tradução de Zol-

tán Rózsa. Ainda este ano sairá nova edição de *Os Lusíadas* (foi publicada em 1865 a primeira tradução), e uma seleção da lírica camoniana. O ex-professor de italiano prepara também uma antologia de poesia portuguesa, de Fernando Pessoa até os nossos dias, com poemas de aproximadamente vinte e cinco poetas.

Percebe-se que, dentro da literatura, a poesia ocupa um lugar privilegiado, para Zoltán Rózsa. Poeta ele mesmo, julga que poesia e mundo, poeta e público necessitam um do outro. Pensa que as "torres de marfim" podem existir, tudo depende da obra que produzirem. "Os poetas, os grandes poetas, mesmo quando seres isolados, estiveram sempre de qualquer modo ligados à luta pelo progresso. A tarefa da poesia é lutar pela liberdade: um poeta tem que fazer boa poesia, é o seu ofício. E a poesia é um método insubstituível e mágico do pensamento humano; documento único, embora muito pessoal, do mundo em que vivemos".

E Zoltán Rózsa é realmente um interessado em seu mundo e no homem que nele vive. Conta ele ter trazido para o ensino do Português um hábito da cadeira de Italiano: ir com os alunos para as montanhas, no final de janeiro, por dois ou três dias. Levam esquis e trenós; fazem esporte, dançam, discutem o curso e seu funcionamento. Críticas mútuas são feitas e são estudadas formas de melhorar o aproveitamento do curso.

Reunindo todos esses elementos, é muito o que se pode esperar da Cadeira de Português da Universidade Elte e de seu estudo da literatura e da cultura brasileira em geral. O entusiasmo de Zoltán Rózsa é imenso, sua tarefa realizada é grande e muitos são os seus planos. Falta-lhe ainda apoio e, especialmente, bibliografia, motivo pelo qual aqui fica um apelo para que lhe seja enviado material para seu curso e suas traduções. O endereço é

Prof. Zoltán Rózsa
Departamento Português
Istituto Italiano
Università ELTE Budapest
V. Pesti B. u. I.
Budapeste — Hungria